

Atitudes sociais em relação à inclusão e concepção sobre atendimento educacional especializado na formação de especialistas em Educação Especial

*Maewa Martina Gomes da Silva e Souza**

Resumo

O presente estudo tem como escopo analisar as atitudes sociais em relação à inclusão e às concepções sobre o Atendimento Educacional Especializado de alunos de um curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Atendimento Educacional Especializado. Participaram deste estudo 33 estudantes, sendo 15 da área da deficiência auditiva e 18 da área da deficiência intelectual, todos regularmente matriculados no curso. A coleta de dados deu-se por intermédio de dois instrumentos: um questionário elaborado para esta pesquisa e a Escala Likert de Atitudes Sociais em relação à Inclusão (ELASI). A análise revela que os dados provenientes de diferentes instrumentos se complementam, evidenciando que os alunos com concepções satisfatórias de Atendimento Educacional Especializado apresentam escores da ELASI acima da mediana. Tais dados sugerem que alunos que possuem concepções adequadas possuem também atitudes sociais mais favoráveis à inclusão. Adicionalmente, evidenciou-se que as atitudes sociais dos alunos que optaram pela formação centrada na área da deficiência intelectual são mais favoráveis que as dos alunos que optaram pela área de deficiência auditiva. Conclui-se que a escolha da área de deficiência para a formação especializada pode ser influenciada pelas atitudes sociais em relação à inclusão.

Palavras-chave: Atendimento educacional especializado; Atitudes sociais; Concepções.

* Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, São Paulo, Brasil.

Social attitudes toward inclusion and conception about specialized educational services in special education specialist formation

Abstract

The present study has as scope analysis of social attitudes toward inclusion and conceptions of specialized educational services kept by students of a postgraduation course on Specialized Educational Services. 33 students – 15 belonging to hearing impairment area and 18 to intellectual disability area – participated in the study. They were regularly enrolled in the course. Data collection took place through two instruments: a questionnaire developed for this research and the Likert Scale of Social Attitudes toward Inclusion. The analysis reveals that data from different instruments complement each other showing clearly that students with suitable conception about specialized educational services have social attitudes scores above the median, pointing out that they are more favourable to inclusion. Besides, the social attitudes of students whose option was intellectual disability area are more positive than the social attitudes of hearing impairment area students. It follows that the option for disability area may be affected by the social attitudes toward inclusion.

Keywords: Specialized educational services; Social attitudes; Conceptions.

Introdução

Há infinitas diferenças entre as pessoas, algumas duradouras e outras relativamente transitórias. Sob a determinação de um patrimônio genético, os indivíduos nascem e se desenvolvem em interação com o seu meio, construindo sua subjetividade, individualidade, personalidade e identidade. À vista disso, os seres de uma mesma espécie apresentam uma vasta e complexa gama de semelhanças e diferenças entre si, construindo cada um a sua própria singularidade (SOUZA, 2013).

À medida que as pessoas vão se desenvolvendo, constroem concepções a respeito dos mais variados eventos que fazem parte do seu cotidiano e representam algo relevante nas suas vidas. Essas concepções são importantes para nortear as ações e interações das pessoas no seu ambiente, sobretudo nos ambientes sociais nos quais se realizam as atividades significativas do seu cotidiano.

A escola é um ambiente social no qual ocorrem importantes atividades para todos que a frequentam, para uns porque é o local de trabalho e para outros é o local de aprendizagem das grandes lições que serão necessárias e úteis para a vida futura. Os professores se constituem em principais atores nesse cenário. Desempenham papel de suma importância para a esfera social e cultural, sendo responsáveis por conscientizar, zelar e mediar o patrimônio histórico e cultural da humanidade a ser transmitido a novas gerações.

O papel dos professores não se resume a transferir conhecimentos a novas gerações, mas busca, por intermédio de contato direto com seus alunos, construir e

proporcionar vivências e experiências fundamentais para a formação integral destes. Esse processo de ensino e aprendizagem ocorre basicamente por meio de relações interpessoais diretas ou mediadas, entre o professor e cada um de seus alunos e entre os próprios alunos. O professor é o grande regente desse complexo.

Dessa forma, várias qualidades pessoais do professor precisam ser consideradas para que se consiga construir uma educação de qualidade, já que essas variáveis pessoais influenciam diretamente a sua atuação e, conseqüentemente, a formação do seu aluno. Considerando que a aprendizagem escolar dos alunos é resultado da interação que ocorre entre eles e o professor, não basta que este tenha uma sólida formação em termos de conhecimentos sobre fundamentos da Educação, métodos e técnicas de ensino, nem de habilidades para o uso de diferentes recursos didático-pedagógicos, incluindo aí os de alta tecnologia. A relação ensino-aprendizagem deve ser analisada também sob a ótica das relações interpessoais entre quem ensina e quem aprende.

Acredita-se que a relação entre professor e aluno se inicia desde o momento em que aquele vê este pela primeira vez ou até mesmo quando, indiretamente, ouve algo a respeito do estudante. A partir dessas impressões iniciais, de interações diretas e de observações dos comportamentos manifestados por alunos, o professor tem condições de formar imagem a respeito de cada um deles. Desse processo fazem parte determinadas características do aluno, assim como as do próprio professor (RODRIGUES; ASSMAR; JABLONSKY, 2007; OMOTE; FONSECA-JANES; VIEIRA, 2014).¹

Mediante esse contexto, percebe-se que essas interações podem, inclusive, afetar negativamente a relação entre professor e aluno, e isso não seria diferente quando aplicado a alunos com deficiência.

Se, por ventura, o docente estiver mantendo atitudes desfavoráveis à inclusão, pode ter impressões equivocadas ou inadequadas de seus alunos, considerando-os, por exemplo, pouco competentes e, por conseguinte, não lhes proporcionando, condições adequadas para o desenvolvimento pleno de sua aprendizagem.

Nesse momento, pode-se endossar a seriedade em debruçar-se sobre a formação de professores, mais especificamente, em dedicar-se sobre a capacitação desse grupo, para que tenham condições de compreender a importância em se analisar suas variáveis pessoais, o que elas representam e de que modo podem afetar sua formação e, conseqüentemente, a sua atuação.

Dessa forma, embora as variáveis pessoais dos docentes ainda não tenham recebido a devida importância e, com isso, não tenham auferido a atenção necessária da comunidade científica, é necessário dedicar estudos nessa área para, assim, considerar os aspectos afetivos e sociais engendrados no processo educacional.

Indubitavelmente, torna-se evidente a necessidade desse aprofundamento, assim como dos diversos fenômenos envolvidos nas relações interpessoais do contexto escolar, enfatizando a pessoa do professor que encontra inúmeras demandas e deve assumir novos papéis e responsabilidades que a proposta da educação inclusiva coloca (OMOTE; FONSECA-JANES; VIEIRA, 2014).

Devido à relevância do papel do professor para a inclusão das crianças com deficiência, este estudo teve como escopo analisar as atitudes sociais em relação à inclusão e as concepções sobre o Atendimento Educacional Especializado de estudantes de um curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Atendimento Educacional Especializado.

Entende-se que analisar os aspectos pessoais dos docentes, em especial daqueles que se encontram em período de formação, pode propiciar a compreensão de como eles reconhecem o público para o qual se dedicam a atuar e pode auxiliar inclusive, em um processo de autoanálise enquanto profissionais, para que possam tecer considerações sobre suas formações, ou seja, se são adequadas para a prática cotidiana de crianças com deficiência.

Não obstante, a ausência dessas investigações pode representar um risco ao considerar que

o desconhecimento da sociedade e principalmente dos educadores sobre os alunos com deficiência [...] tendem a gerar expectativas, conflitos e concepções expressivamente distorcidas em relação à avaliação da construção e do uso do conhecimento que esse aluno [...] faz, dentre tantos outros equivocados conceitos, acerca desse segmento social. (CHAHINI, 2010, p. 13).

Os estudos de Vieira (2006) complementam o raciocínio ao relatar que as concepções e as atitudes sobre deficiência que norteiam teorias e práticas têm implicações significativas sobre a forma como as pessoas com deficiência são tratadas nas relações cotidianas, bem como sobre a organização e a prestação de serviços a essa população.

Omote (2004) ressalta a importância de se buscar compreender como os sujeitos interpretam as deficiências, organizam suas percepções em relação a elas e constroem suas relações interpessoais com as pessoas com deficiência. De acordo com o autor, estudos que se preocupam com as relações sociais e a diversidade humana podem ampliar a compreensão sobre pessoas com e sem deficiência. A compreensão de tais interações pode levar ao desenvolvimento de estratégias, recursos e técnicas que facilitem o estabelecimento de relações mais harmoniosas e produtivas para todas as partes.

Nesse contexto, ressalta-se a necessidade não apenas da compreensão, mas da modificação das concepções e das atitudes sociais, pois as atitudes são vistas como predisposições duradouras aprendidas e não inatas. Por isso, embora as atitudes não sejam momentaneamente passageiras, são suscetíveis a mudança (ZIMBARDO; EBBSEN, 1973).

Segundo Fonseca-Janes (2010), tais atitudes se desenvolvem por intermédio de vários fatores associados à experiência e aprendizagem. Uma pessoa tenderá a formar e modificar as atitudes sociais, assim como as concepções em relação aos agentes situacionais. Quanto mais exposta for à sua experiência com a deficiência ou com as pessoas com deficiência, maior e melhor poderá ser a aceitação.

Portanto, essas atitudes se desenvolvem e se tornam favoráveis à inclusão, mediante essa exposição. Logo, sugere-se que essas são as condições consideradas ade-

quadas para a efetivação de uma sociedade mais inclusiva, considerando-se que as pessoas poderão organizar e reorganizar suas concepções e atitudes sociais em relação às diferenças.

Seguindo tais preceitos, encontram-se iniciativas isoladas apresentadas por Omote et al. (2005), as quais, focando na mudança de atitudes sociais em relação à inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais, aplicaram a Escala Likert de Atitudes Sociais em relação à Inclusão (ELASI) em 56 alunos do Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (CEFAM), que pertenciam a duas classes. Com base em algumas técnicas de modificação de atitudes sociais, foram organizadas atividades direcionadas à temática da inclusão no formato de um curso de 14 horas distribuídas em sete encontros. Antes e depois dessa intervenção, mensurou-se as atitudes sociais, e verificou-se que, em ambos os grupos, os escores do pós-teste foram significativamente maiores que os do pré-teste, indicando que as atitudes sociais de futuros professores do Ensino Fundamental em relação à inclusão se tornaram favoráveis.

Estudos de Shade e Stewart (2001) avaliaram as atitudes sociais de 122 futuros professores do ensino comum matriculados em uma disciplina de 30 horas, e as de 72 futuros professores de Educação Especial matriculados em uma outra disciplina de 30 horas, ambas tendo como temática principal tópicos sobre inclusão. Tais resultados apontaram que as atitudes sociais desses futuros professores com relação à inclusão puderam ser modificadas favoravelmente em função do desenvolvimento dessas disciplinas que utilizaram, como procedimentos de intervenção, aulas expositivas, discussões em pequenos grupos, dramatizações, atividades pedagógicas e simulações de construção de atitudes favoráveis.

De modo similar, Souza, Silvero e Galhiardi (2014) analisaram as concepções de deficiência e as atitudes sociais em relação à inclusão, apresentadas por estudantes de um curso de Pós-Graduação em Psicopedagogia Institucional e Clínica, antes e após uma capacitação oferecida durante o curso sobre importância da psicopedagogia no contexto da Educação Inclusiva. Os resultados evidenciaram que, mesmo em um curso de capacitação de 12 horas, é possível modificar as concepções e as atitudes sociais de professores.

Vieira (2014) elaborou e administrou uma capacitação para professores, juntamente com um programa informativo para alunos com temáticas voltadas às mudanças de atitudes sociais. Participaram do estudo 66 professores do ciclo I do ensino fundamental de duas escolas municipais de uma cidade do interior de São Paulo e 516 alunos dessas escolas. Os resultados obtidos nesse estudo indicaram que a capacitação modificou as atitudes sociais dos professores participantes em relação à inclusão, tornando-as mais positivas. Com relação ao programa informativo, os resultados indicaram que ele produziu efeitos positivos nas atitudes sociais do alunado, tornando-as mais favoráveis à inclusão.

Com esses indicativos, bem como pelos esforços ainda incipientes apresentados na literatura, acredita-se que as atitudes sociais com relação à inclusão e as

concepções sobre os diversos fenômenos da Educação Especial são temáticas centrais que precisam ser consideradas e trabalhadas em cursos de formação e capacitação, proporcionando maior compreensão da formação e principalmente a possibilidade de reflexão sobre as variáveis pessoais do professor, eventualmente promovendo as alterações que forem necessárias.

Método

Participantes

Participaram deste estudo 33 pedagogos matriculados em um curso de Especialização em Atendimento Educacional Especializado, oferecido nas áreas de deficiência auditiva e deficiência intelectual. 15 participantes eram optantes pela área da deficiência auditiva e 18 da área da deficiência intelectual. Dos participantes, 30 eram do gênero feminino e 3 do gênero masculino. A idade variou de 22 a 50 anos, com uma média de 32 anos.

Material

Foram utilizados dois instrumentos: um questionário elaborado para esta pesquisa e a Escala Likert de Atitudes Sociais em relação à Inclusão (ELASI).

O questionário contempla a caracterização da formação dos participantes, bem como a concepção deles sobre o Atendimento Educacional Especializado.

A ELASI foi elaborada pelo Grupo de Pesquisa Diferença, Desvio e Estigma, da Universidade Estadual Paulista, UNESP, campus de Marília, tendo como objetivo mensurar as atitudes sociais em relação à inclusão. A escala possui duas formas equivalentes, forma A e B, contendo 35 itens em cada uma delas. Cada um dos 35 itens possui cinco alternativas que expressam o grau de concordância ou discordância em relação ao enunciado. As alternativas são: concordo inteiramente, concordo mais ou menos, nem concordo nem discordo, discordo mais ou menos, discordo inteiramente (OMOTE, 2005). Para este estudo foi utilizada a forma A.

Procedimentos de coleta e análise dos dados

A coleta de dados ocorreu com autorização dos professores responsáveis pelo curso antes do início das aulas. Após esclarecimentos prévios, ambos os instrumentos foram aplicados coletivamente. Foram informadas aos participantes as instruções necessárias e as dúvidas foram esclarecidas.

Para a análise de dados, foram calculados os escores da ELASI, obedecendo aos procedimentos determinados por seus idealizadores. Foram realizadas comparações dos escores de diferentes agrupamentos organizados em função de algumas variáveis consideradas relevantes.

Para análise das concepções, solicitou-se o auxílio de dois colegas para atuarem como juízes, ambos da área da Educação Especial. A tarefa desses juízes foi a de atribuir valores, variando de 0 a 5, a cada um dos participantes em função do grau de

adequação da sua concepção sobre Atendimento Educacional Especializado. O valor 0 corresponde a ausência total de informações que pudessem ser caracterizadas como relacionadas a Atendimento Educacional Especializado. O valor 5 corresponde à resposta considerada adequada sobre o que é o Atendimento Educacional Especializado. Os valores intermediários correspondem a diferentes graus de adequação da concepção. Entre a codificação da pesquisadora e do juiz 1, foram encontrados 79% de concordância. Já com o segundo juiz, foi encontrada a concordância de apenas 49%.

Resultados e discussão

Para realizar análise detalhada das concepções e das atitudes sociais dos participantes, foram coletados dados para a caracterização do perfil profissional e de formação profissional dos participantes, inclusive em relação à Educação Especial.

Todos os participantes são licenciados do curso de Pedagogia², 33% são especialistas em Psicopedagogia Clínica e/ou Institucional, 6% possuem aprimoramento em outras áreas de aprendizagem e os demais 61% estão realizando seu primeiro curso de especialização.

Setenta por cento dos participantes possuem experiência docente em sala comum e 30% não possuem experiência docente. Os participantes não possuem experiência docente com alunos com deficiência.

Concepções de Atendimento Educacional Especializado

As concepções que os participantes têm a respeito do Atendimento Educacional Especializado podem nortear as suas práticas pedagógicas. Investigando um conceito relativamente próximo ao de concepção, Oliveira (2004) e Musis e Carvalho (2010) apontam que as representações sociais que professores de deficientes intelectuais possuem sobre as deficiências e a Educação Especial alteram ou podem alterar a prática pedagógica deles.

Apenas três participantes conseguiram responder à questão sobre o que se entende por Atendimento Educacional Especializado de tal maneira a sugerir que possuem concepção adequada sobre o que ele seja. A resposta do participante 18, cujo trecho está transcrito a seguir, pode ilustrar a adequação da sua concepção. Para ele, o Atendimento Educacional Especializado

[...] consiste no atendimento educacional que complementa e/ou suplementa o ensino comum, o atendimento é oferecido por especialistas para crianças e adolescentes com Necessidades Educacionais Especiais, regularmente matriculados em classes comuns. (P 18).

Conseguiram responder parcialmente seis dos participantes. O trecho seguinte da resposta do participante 32 ilustra essa categoria de resposta.

Para ser sincera, ainda não consigo ter muito claro o que seria o A.E.E. na prática. Apesar de ter claro que é um atendimento voltado a atender os alunos com deficiência, adaptar o currículo para que o aluno consiga acompanhar academicamente na sala regular [...]. Penso que na prática ainda ficam muitas dúvidas a respeito do Atendimento Educacional Especializado. (P 32).

Doze dos participantes apresentaram dificuldades ao responder à questão, fornecendo informações simplistas sobre o atendimento e as deficiências, como a resposta fornecida pelo participante 22, cujo trecho está transcrito abaixo.

Busca dar apoio ao professor de sala comum para facilitar a aprendizagem do aluno. (P 22).

Sete participantes apresentaram grandes dificuldades, com ideias equivocadas sobre o Atendimento Educacional Especializado, como, por exemplo, no trecho da resposta do participante 12, transcrito a seguir.

Atendimento a pessoas que apresentam algum tipo de deficiência, leve ou aguda. Orientação e encaminhamento a profissionais que possam ajudar a compreensão/entendimento da deficiência amenizando "problemas" que possam advir em detrimento desta deficiência. (P 12).

Os relatos de três participantes contêm informações equivocadas acerca do tema, conforme a resposta do participante 11, transcrita a seguir.

Compreendo que seja um ambiente do qual dedica-se as especificidades de cada um (resumidamente). (P 11).

Dois participantes não responderam a essa questão.

Em síntese, os dados indicam que 9% dos participantes apresentam uma concepção plenamente satisfatória acerca do Atendimento Educacional Especializado (nota 5), 54% dos participantes apresentaram concepções satisfatórias (notas 4 e 3) e 36% dos participantes apresentaram pouca ou nenhuma ideia sobre essa modalidade de ensino, exprimindo respostas equivocadas, simplistas ou simplesmente ausentes (notas 2, 1 e 0).

Atitudes Sociais em relação à Inclusão

Com as respostas aos itens da ELASI, foram calculados os escores de atitudes sociais em relação à inclusão apresentadas pelos participantes. Uma transcrição sumária desses escores, por meio de medidas de variação (valores mínimo e máximo), de mediana e de dispersão (valores de quartil 1 e quartil 3), está apresentada na Tabela 1, para o total dos participantes e para os subgrupos em função da área de opção (deficiência auditiva ou deficiência intelectual).

Tabela 1 - Escores da Escala Likert de Atitudes Sociais em relação à Inclusão (ELASI)

	ESCORES DA ELASI		
	Varição (Min – Max)	Mediana	Dispersão (Q1 – Q3)
Grupal	88 – 149	132	125 – 139
Subgrupo DA	114 – 145	130	122,5 – 131,5
Subgrupo DI	88 – 149	138	133 – 141

Fonte: Elaborada pela autora.

A fim de verificar se existem diferenças na favorabilidade das atitudes sociais entre o grupo de participantes que optaram pela formação centrada na deficiência intelectual (DI) e o de deficiência auditiva (DA), foram comparados os escores da ELASI dos subgrupos por meio da prova de Mann-Whitney. O resultado indica que os escores do grupo DI são superiores aos do grupo DA ($p = 0,0162$). Os pedagogos que optaram pela área da deficiência intelectual possuem atitudes sociais mais favoráveis à inclusão que os da área de deficiência auditiva. Portanto, pode-se sugerir que as atitudes sociais em relação a inclusão podem influenciar a área de opção desses pedagogos.

Yuker (1965) aponta que as diferenças existentes entre níveis de dificuldades de aceitação da deficiência apresentadas por diversos estudantes variam de acordo com a severidade de cada categoria de deficiência. Comparando as atitudes sociais das pessoas que atuam e se relacionam com deficientes frequentemente, observa-se que a possível diferença entre as atitudes sociais dessas pessoas se deve à dedicação a deficiência específica.

A idade cronológica dos participantes pode ser uma variável a influenciar as atitudes sociais em relação à inclusão, considerando que os jovens podem acolher e aderir com maior facilidade aos fatos novos que podem afetar a rotina deles, comparativamente às pessoas com mais idade. Assim, a amostra total foi subdividida em dois grupos, em função da idade média de todos os participantes: grupo com idade abaixo da média e grupo acima da média. O exame dos escores sugere que o grupo dos mais jovens tem atitudes sociais em relação à inclusão mais favoráveis que o dos mais velhos. Os escores desses grupos foram comparados, por meio da prova de Wilcoxon, cujo resultado indica que a diferença não chega a ser significativa ($p = 0,3021$).

Pereira Junior (2009) apresentou resultados similares no seu estudo de atitudes sociais de professores em relação à inclusão, utilizando também a ELASI. Os seus dados apontaram que não houve diferença significativa entre os escores de atitudes sociais de professores mais velhos e os escores dos professores mais jovens.

Análise Conjunta do Perfil, das Concepções e das Atitudes Sociais em relação à Inclusão

Embora todos os participantes fossem pedagogos, dez deles não tinham nenhuma experiência docente e 23 tinham experiência docente em classe de ensino comum. Parece plausível a ideia de que a experiência de contato direto com a situação de ensino possa determinar, em alguma medida, a natureza das atitudes sociais em relação à inclusão, que implica a presença de alunos com necessidades educacionais especiais em classes de ensino comum. Assim, os escores dos participantes com experiência docente foram comparados com os dos participantes sem experiência docente, por intermédio da prova de Wilcoxon. O resultado apontou não haver diferença estatisticamente significativa entre esses grupos ($p = 0,1039$).

Um dos componentes das atitudes sociais se refere a conhecimentos e crenças sobre o objeto a que elas se referem (objeto atitudinal). Nesse sentido, as pessoas que têm conhecimentos sobre o Atendimento Educacional Especializado, revelados por meio de concepções adequadas sobre esta modalidade educacional, dispõem de um importante ingrediente de atitudes sociais em relação à inclusão, podendo torná-las favoráveis, ou eventualmente desfavoráveis.

Numa análise rápida e superficial, verifica-se que os escores da ELASI de 64% dos participantes que apresentaram concepção sobre Atendimento Educacional Especializado considerada satisfatória estão acima da mediana de escores de todos os participantes. Para uma análise mais refinada, foi calculada a correlação de Spearman entre os escores da ELASI e as notas de adequação das concepções. O coeficiente de correlação encontrado é virtualmente nulo, estando longe de ser significativo ($r = 0,01$; $p = 0,9417$). Portanto, pode-se sugerir que não há relação entre a concepção a respeito do Atendimento Educacional Especializado e as atitudes sociais em relação à inclusão.

Considerações finais

Esforços sociais e medidas governamentais têm procurado assegurar o acesso à educação de qualidade e a permanência de todos os alunos, incluindo aqueles que apresentam diferenças expressivas que implicam necessidades educacionais especiais. A proposta de Atendimento Educacional Especializado (BRASIL, 2008), que visa complementar e/ou suplementar as atividades escolares desses alunos, é uma dessas propostas para assegurar-lhes as condições adequadas de aprendizagem escolar.

Esse quadro requer a formação de profissionais capacitados para atuarem em Atendimento Educacional Especializado. As Universidades vêm oferecendo cursos de Pós-Graduação *Lato Sensu* para formar esses especialistas. Essa formação tem se preocupado essencialmente com conteúdos que tratam dos fundamentos, métodos e recursos da Educação Inclusiva e Educação Especial, com a suposição de que o domínio desses conhecimentos e das habilidades necessárias para o uso de altas tecnologias fosse suficiente para a formação de um especialista competente para a atuação em Atendimento Educacional Especializado.

Os dados levantados neste estudo revelam que muitos pedagogos não têm uma concepção adequada de Atendimento Educacional Especializado quando vêm realizar um curso de especialização sobre essa temática. Mais ainda, verificou-se que os participantes que apresentam concepções equivocadas tendem a apresentar também atitudes sociais em relação à inclusão menos favoráveis, comparativamente aos que possuem concepções mais adequadas.

Considerando que essas características dos professores podem afetar as suas ações na atuação em Atendimento Educacional Especializado, é importante que os cursos de capacitação de futuros professores deem a necessária atenção para essas variáveis, assim como a tantas outras características pessoais do professor, que podem guardar estreita relação com o seu desempenho docente na interação com alunos que apresentam necessidades educacionais especiais. Afinal, a relação ensino-aprendizagem caracteriza-se essencialmente como relações interpessoais entre quem ensina e quem aprende.

Referências

- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Diretrizes operacionais da Educação Especial para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica**. Brasília: MEC/SEESP, 2008.
- CHAHINI, T. H. C. **Atitudes sociais e opiniões de professores e alunos da Universidade Federal do Maranhão em relação à inclusão de alunos com deficiência na educação superior**. 2010. 132 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista - Unesp, Marília, 2010.
- FONSECA-JANES, C. R. X. **A formação dos estudantes de Pedagogia para a educação inclusiva: estudo das atitudes sociais e do currículo**. 2010. 269 f. Tese (Doutorado em Educação)- Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010.
- MUSIS, C. R.; CARVALHO, S. P. Representações sociais de professores acerca do aluno com deficiência: a prática educacional e o ideal do ajuste à normalidade. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 31, n. 110, p. 201-217, jan-mar. 2010. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 20 abr. 2011.
- OLIVEIRA, A. A. S. O conceito de deficiência em discussão: representações sociais de professores especializados. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 10, n. 1, p. 59-74, 2004.
- OMOTE, S. Estigma no tempo da inclusão. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 10, n. 3, p. 287-308, 2004.
- _____. A construção de uma escala de atitudes sociais em relação à inclusão: notas preliminares. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 11, n. 1, p. 33-47, 2005.
- OMOTE, S.; FONSECA-JANES, C. R. X.; VIEIRA, C. M. Variáveis pessoais do professor e suas relações com a classe. In: OMOTE, S.; BRAGA, T. M. S.; CHACÓN, M. C. M.; MONTALVO, D. (Org.). **Reflexiones sobre la formación de profesores para la atención a los alumnos con necesidades educativas especiales**. Ed. Alcalá/Espanha: Universidade de Alcalá - Servicio de Publicaciones, 2014, v. 1, p. 149-178.
- PEREIRA JUNIOR, A. A. **Atitudes sociais de professores da rede de ensino municipal de Guarapuava – PR em relação à educação inclusiva**. 2009. 120 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009.
- RODRIGUES, A.; ASSMAR, E. M. L.; JABLONSKY, B. **Psicologia social**. 25. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- SHADE, R. A.; STEWART, R. General Education and Special Education preservice teachers' attitudes toward inclusion. **Preventing School Failure**. v. 46, n. 1, p.37-41, 2011.
- SOUZA, M. M. G. da S. de. Exclusão em contextos inclusivos. **Revista Tecer**, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p. 201-212, nov. 2013. Disponível em: <<http://www3.izabelahendrix.edu.br/ojs/index.php/tec/article/view/430/403>>. Acesso em: junho de 2017.
- SOUZA, M. M. G. da S. de; SILVERO, A. S.; GALHIARDI, C. M. Formação inclusiva: concepções de deficiência e atitudes sociais em relação à inclusão de estudantes de Psicopedagogia. **Revista Tecer**, Belo Horizonte, v. 7, n. 13, p. 79-90, nov. 2014. Disponível em: <<http://www3.izabelahendrix.edu.br/ojs/index.php/tec/article/view/698/619>>. Acesso em: junho de 2017.

VIEIRA, C. M. **Programa informativo sobre deficiência mental e inclusão:** efeitos nas atitudes e concepções de crianças não-deficientes. 2006. 208 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006.

VIEIRA, C. M. **Atitudes sociais em relação à inclusão:** efeitos da capacitação de professores para ministrar programa informativo aos alunos. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências. Marília, SP, 2014.

YUKER, H. E. Atitudes as determinants of behavior. **Journal of rehabilitation**, v. 31, p. 15 – 16, 1965.

ZIMBARDO, P. G.; EBBESEN, E. B. **Influência em atitudes e modificação de comportamento.** São Paulo: Edgard Blucher, 1973.

Notas

¹ Naturalmente, o inverso também ocorre, isto é, a percepção e julgamento a respeito do professor por parte dos alunos. Entretanto, este texto trata das características do professor que podem estar relacionadas ao bom desempenho docente.

² Uma das exigências para o ingresso ao curso de especialização.

Correspondência

Maewa Martina Gomes da Silva e Souza – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Filosofia e Ciências - Campus de Marília. Rua Hygino Muzy Filho. Bairro: Mirante. CEP: 17525000. Marília, São Paulo, Brasil.

E-mail: maewa_martina@yahoo.com.br

Recebido em 11 de julho de 2017

Aprovado em 11 de agosto de 2017